

# **A INVENTIVIDADE DA COSTURA NO COTIDIANO DE MULHERES E “NÃO COTIDIANO” DE HOMENS EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO<sup>1</sup>**

Wagner de Almeida<sup>2</sup>

---

## **RESUMO**

A partir das estruturas do cotidiano: família, trabalho e lazer, analisei os efeitos culturais e sociais obtidos com a costura coletiva, inserida em um projeto sociocultural para confecção artesanal de colchas de cama com retalhos. Este estudo visa discutir e entender as relações simbólicas e representativas presentes nessas estruturas, capazes de intervir nos modos de vida e nas possibilidades de modificação dessas realidades. O objeto investigativo são as realidades vividas por mulheres comuns e homens em situação de acolhimento.

**Palavras-chave:** Cotidiano. Costura. Solidariedade. População de Rua. Sociabilização.

## **ABSTRACT**

From the structures of everyday life: family, work and leisure, I analyzed the cultural and social effects obtained with collective sewing, inserted in a socio-cultural project for patchwork quilts handmade making. This study aims to discuss and understand the symbolic and representative relations present in these structures, capable of intervening in the ways of life and in the possibilities of modifying these realities. The investigative object is the realities experienced by ordinary women and men in a welcoming situation.

**Keywords:** Everyday life. Sewing. Solidarity. Street population. Socialization.

---

1 Este artigo foi apresentado como trabalho de conclusão do Curso Sesc de Gestão Cultural 2018/2019.

2 Wagner de Almeida, bacharel e licenciado em Educação Física pela Unisa (2003). Gestor sociocultural autônomo, ministra cursos e oficinas de manualidades. E-mail: wagnerfon01@gmail.com.

## APRESENTAÇÃO

O Ateliê Fonfinfan, localizado em Interlagos, na Zona Sul da cidade de São Paulo, iniciou suas atividades em março de 2011 e tem como fundadores e gestores eu, Wagner de Almeida; minha esposa, Tatiana D. Toledo e minha sogra, Lucia D. Toledo, todos educadores e artesãos; contamos ainda com a colaboração de mais duas professoras que formam a equipe.

A costura está presente no cotidiano da Lucia desde a época em que trabalhava na loja da Singer (fabricante de máquinas e equipamentos para costura), onde adquiriu sua primeira máquina de costura, incentivada pelo entusiasmo dos relatos de suas clientes, ao falarem das maravilhas que a costura proporciona.

Com os filhos ainda pequenos, começou a fazer as primeiras costuras, consertos e ajustes de roupas da família e confecção de artigos para a própria casa. A Tatiana, filha mais nova, desde pequena mostrou interesse pelas práticas de costura da mãe e ainda criança, já costurava roupas para as bonecas. Na adolescência, interessada em costurar roupas, fez um curso de corte e costura e começou a confeccionar algumas de suas próprias roupas, o que a motivou a ingressar na faculdade de moda.

Anos mais tarde, quando a Lucia já estava aposentada, retomou as costuras, e passou a frequentar cursos livres de *patchwork*, por incentivo da filha.

No compartilhamento do aprendizado, a Tatiana descobriu uma grande afinidade com as técnicas do *patchwork*, e as duas passaram a costurar juntas aos finais de semana. Logo surgiram as primeiras encomendas de amigos e familiares, que se estenderam para as encomendas dos amigos dos amigos, gerando um maior volume de trabalho. Foi quando eu me interessei em aprender com elas, para ajudar na confecção das encomendas.

Em 2011, havíamos deixado os trabalhos fixos e passamos a nos dedicar integralmente às costuras. Abrimos o Ateliê Fonfinfan na garagem da casa da Lucia, e começamos a produzir e comercializar artigos de decoração, bolsas e acessórios. Seis meses depois, agregamos às nossas atividades a proposição de cursos e oficinas, estimulados por uma constante e reiterada solicitação de clientes e amigos que manifestavam grande desejo em aprender, praticar e aperfeiçoar-se na costura e no artesanato. Iniciamos então pesquisas e estudos para o desenvolvimento de projetos de costura artesanal, e implementamos os cursos, que logo tiveram grande procura.

Sempre tendo o tecido como principal matéria-prima, começamos a desenvolver novas possibilidades de uso desse material, combinado com papel, arame, madeira e utilizando várias técnicas artesanais, o que trouxe

um repertório de novos conhecimentos e ampliou nosso trabalho na criação de novos cursos e oficinas. Surgiram novas possibilidades de parcerias com outras instituições culturais, como Sesc São Paulo, Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura de Paulo, Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Ibeac) e Centro Temporário de Acolhimento Interlagos (CTA-7), o que trouxe um importante caráter sociocultural ao nosso trabalho.

A gênese familiar permeia e influencia toda a estrutura de pensamento e propósitos do trabalho que desenvolvemos, em que as estruturas do cotidiano se mesclam e o morar e trabalhar se influenciam mutuamente. A começar pelo espaço do ateliê, que é ao mesmo tempo a casa da família e o lugar de desenvolvimento das aulas, encontros, produção e trabalho.

Os ambientes da casa servem de inspiração para a confecção de peças decorativas, utilitários e acessórios, que por sua vez, compõem as propostas de cursos, aulas e oficinas, imprimindo uma identidade muito arraigada na casa e no morar, onde a costura artesanal, com toda sua diversidade e versatilidade de técnicas e aplicações, está em constante diálogo com a tradição e a modernidade, compartilhando e incentivando as apropriações do conhecimento que desenvolvam e cultivem o simbólico contido no fazer manual.

A maior parcela dos cursos e oficinas de costura é ministrado no próprio espaço do ateliê, atendendo a um público formado por 99% de mulheres entre 30 e 65 anos, em sua maioria de classe média, residentes em um raio de aproximadamente 10 km do ateliê. Esse dado é curioso, para pensar nos hábitos culturais dessas pessoas. Estamos instalados em Interlagos – ou seja “da ponte prá cá”, como nós, que moramos em bairros situados além do rio Pinheiros ou Tietê, costumamos dizer –, e essas mulheres consideram um grande atrativo o fato de o ateliê estar localizado perto de suas casas, não sendo necessário atravessar a ponte, evitando longos deslocamentos no trânsito, desgaste, cansaço e perda de tempo. Isso aponta uma tendência crescente na cidade de São Paulo, onde cada vez mais as pessoas buscam qualidade de vida e preferem atividades mais próximas de suas residências.

Parte dessas mulheres trabalha fora, e a maioria é aposentada, cuida da casa e da família. Buscam na costura conhecimento, uma opção de lazer, socialização, ampliação de suas capacidades criativas, desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades manuais e cognitivas e ainda uma alternativa para geração de renda extra.

Outra parcela dos cursos e oficinas são realizados em parceria com instituições públicas e privadas, envolvendo técnicas de costura e outras técnicas artesanais que têm o tecido como principal matéria-prima, como: cartonagem, mosaico, *decoupage*, entre outras, voltadas para públicos bem diversos.

O envolvimento em projetos sociais sempre esteve presente nas ações desenvolvidas pelo ateliê.

Desde 2012, realizamos oficinas artísticas nas unidades do SESC SP, atendendo a públicos bastante variados, com propostas que vão ao encontro dos conceitos e propósitos contidos nos programas desenvolvidos nas unidades, onde as atividades de costura sempre agregam modos de produzir criativos e comprometidos com o reaproveitamento e a reflexão sobre a apropriação do fazer e as práticas de consumo.

Em 2013, a convite da Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura de São Paulo, em parceria com um grupo de artistas visuais, participamos do Festival de Direitos Humanos, com o projeto “Eu Existo”. Consistia na confecção de quinze bonecos em tamanho real, junto a um grupo de homens em situação de rua, atendidos por uma instituição assistencial na Zona Sul de São Paulo, no bairro de Santo Amaro. Os bonecos representavam os personagens de histórias criadas a partir das vivências que esses homens traziam das ruas, refletindo sobre a invisibilidade social das pessoas em situação de rua. Foram realizadas intervenções em espaços públicos da cidade, no período do Festival.

Fomos convidados a apresentar esse projeto na Conferência Anual *Performing the World 2014*, organizada pelo East Side Institute e All Star Project na cidade de Nova York, a fim de discutir projetos de desenvolvimento humano e mudanças culturais no mundo.

Em 2017 a convite do Ibeac, entidade organizada com o objetivo de formar, organizar e fortalecer as mulheres em Parelheiros, por meio de encontros que trabalham autoestima, relacionamentos familiares, direitos e cuidados com os filhos. Realizamos oficinas de confecção de colares, com o objetivo de trabalhar questões relacionadas à autoestima e ao estímulo do fazer manual para criar acessórios que valorizem as mulheres.

Em 2018, em uma iniciativa coletiva entre o Ateliê Fonfinfan, as alunas e os amigos, iniciamos o projeto: “Facção Carinhosa”. Confeccionando coletivamente, colchas de cama de retalhos, a partir do reaproveitamento das sobras de tecido, para serem ofertadas às pessoas em algum tipo de vulnerabilidade, com o intuito de incentivar a reflexão, acerca de questões sociais e culturais relacionadas ao cotidiano. A parceria se deu com o CTA-7, localizado próximo ao ateliê, que presta assistência social no acolhimento de 170 homens.

## PANORAMA DA SITUAÇÃO DOS MORADORES DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO

O número de pessoas em situação de rua e acolhimento tem aumentado de forma constante em todo o Brasil. Na cidade de São Paulo, o número quase triplicou em dezenove anos. Segundo pesquisas Censitárias da População em Situação de Rua realizadas pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) e pela Qualitest Ciência e Tecnologia, encomendadas pela Prefeitura de São Paulo, em 2000 o número de pessoas em situação de rua era de 8.706 pessoas, sendo 5.013 vivendo na rua e 3.693 em situação de acolhimento, em 2019, esse número passou para 24.344 pessoas, sendo 12.651 vivendo na rua e 11.693 em situação de acolhimento. Esses números representavam 0,08% do total da população que era de 10.434.252, segundo o Censo 2000 do IBGE, e passou a 0,2% da população em 2019, levando em conta a população total de 12.176.866, segundo atualização estimativa de 2018, que tem como base o Censo de 2010 do IBGE. A população cresceu 17% em dez anos, enquanto o número de pessoas em situação de rua cresceu 60% pouco menos de vinte anos.

<b>Número de pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo, 2000 a 2019</b>			
<b>Censo</b>	<b>Rua</b>	<b>Acolhimento</b>	<b>Total</b>
2000	5.013	3.693	8.706
2009	6.587	7.079	13.666
2011	6.765	7.713	14.478
2015	7.335	8.570	15.905
2019	12.651	11.693	24.344

Tabela 1. Fonte: SMADS, 2015, 2019.

O aumento da população, pode ter contribuído para esse crescimento, associado a outros indicadores importantes, entre eles: aumento na taxa de desemprego; aumento do custo de vida nas grandes cidades, acarretando o endividamento pessoal e familiar; incapacidade de grande parte da população em acompanhar as exigências técnicas de formação e especialização em todas as áreas de atuação do mercado de trabalho; aumento no consumo e dependência de álcool e outras substâncias tóxicas, talvez uma das maiores causas de desagregação familiar e perda de emprego, registrado principalmente na população masculina.

A violência contra a população de rua também tem sido preocupante desde o primeiro semestre de 2019, o que torna ainda mais urgente a reflexão sobre a situação de vulnerabilidade dessas pessoas.

Mais frágeis entre os frágeis, os ataques a moradores de rua podem demonstrar uma sociedade adoecida pelo ódio: em apenas três meses e 10 dias, pelo menos oito mendigos foram queimados vivos no Brasil. (...) Este é apenas um levantamento feito com base no noticiário, pode ser mais. Em 1 de janeiro, um morador de rua de 27 anos foi incendiado quando dormia em Ponta Grossa, no Paraná. Alguém passou, jogou álcool e colocou fogo no seu corpo. Teve mais de 40% do corpo queimado. Em 21 de janeiro, um morador de rua foi encontrado incendiado e morto numa praça de Curitiba, capital paranaense. Quatro dias depois, em 25 de janeiro, José Alves de Mello, 56 anos, também morador de rua, foi agredido e queimado num imóvel abandonado da Grande Curitiba. Em 27 de fevereiro, uma moradora de rua foi queimada quando dormia embaixo de um viaduto, no Recife, capital do estado de Pernambuco. Ela sobreviveu. Em 17 de março, José Augusto Cordeiro da Silva, 27 anos, acordou já em chamas embaixo de uma marquise na cidade de Arapiraca, no estado de Alagoas. Morreu no hospital. Em 1 de abril, um homem aparentando 30 e poucos anos morreu carbonizado próximo à escada rolante de uma estação de trem em Santo André, no ABC Paulista. O caso foi registrado como “morte suspeita”. Em 3 de abril, Roberto Pedro da Silva, 46 anos, foi incendiado quando dormia numa obra abandonada em Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul. Um homem teria jogado combustível e ateado fogo em seu corpo. Em 7 de abril, um morador de rua aparentando 30 anos foi agredido a pedradas e incendiado no interior de um ginásio de esportes em Águas Lindas de Goiás, no entorno do Distrito Federal (BRUM 2019).

## **A BUSCA DE RESSIGNIFICAÇÃO COTIDIANA**

Este trabalho está baseado em duas pesquisas, uma prática e experimental e outra teórica, que não se iniciaram simultaneamente, mas convergem em similaridades acerca de um importante campo de estudo: o cotidiano. O sociólogo francês Henri Lefebvre dedicou-se profundamente a estudar o cotidiano, sendo uma das principais referências teóricas para o professor José de Souza Martins, sociólogo brasileiro, autor de dois importantes livros que abordam os temas da vida cotidiana: *A sociabilidade do homem simples* e *Uma sociologia da vida cotidiana*, nos quais o autor busca compreender os processos e interações existentes entre as estruturas do cotidiano e a maneira que cada pessoa encontra para lidar com a realidade, o que determina em grande parte nossa formação cultural.

A partir da costura artesanal como meio de interação e aproximação da vida cotidiana e não cotidiana, concentrei a análise em dois grupos de pessoas com realidades diferentes, inseridos em um projeto social de comum participação.

Um grupo é formado por mulheres de classe média, que vivem um cotidiano estruturado e bem definido e têm a prática da costura inserida em sua rotina.

O outro grupo, por homens que estão em situação de acolhimento, dependendo de ações assistencialistas, afastados de suas famílias e desempregados, vivendo um momento de instabilidade estrutural do cotidiano, onde o “não cotidiano” se instaura. Eles não têm a prática da costura inserida em sua rotina.

O ponto de partida foi a inquietação, compartilhada por todas as pessoas envolvidas nas atividades do ateliê, em propor um projeto sustentável e solidário para reaproveitar os muitos retalhos e sobras de tecido gerados nos processos diários de costura. Após muitas conversas, ficou decidido que esses retalhos deveriam ser transformados em algo que representasse a essência de nossas práticas criativas. Um importante símbolo presente no imaginário e na memória coletiva, relacionado à costura artesanal, são as colchas de cama de retalhos, bastante tradicionais e atualmente ressignificadas na releitura do *patchwork*. Esse foi então o símbolo eleito como o produto a ser confeccionado.

No segundo semestre de 2018 colocamos em prática o projeto, em parceria com o CTA-7, uma das vinte instituições da Prefeitura de São Paulo voltadas para o apoio, assistência social, serviço de pernoite e acolhimento de homens em situação de rua e vulnerabilidade, administrado pela ONG Associação Beneficente Caminho de Luz (Abecal).

O CTA-7 atende diariamente 170 homens e o objetivo é costurar 170 colchas, uma para cada cama, para tanto buscamos e incentivamos a doação de retalhos soltos ou já costurados no formato de quadrados de 30cm x 30cm. Cada colcha é formada por 24 blocos, sendo necessários um total de 4080 blocos, mais os entremeios (tiras que fazem a junção dos blocos). A aquisição de mantas e forros para estruturar as colchas e dar acabamento a elas está sendo financiada por meio de rifas, com o sorteio de produtos artesanais confeccionados no ateliê ou doados voluntariamente.

A confecção é feita em encontros semanais no ateliê e no CTA-7 com a participação das mulheres e dos homens em um trabalho coletivo e voluntário. Muitas reflexões são feitas nesse processo, acerca da reutilização de materiais, da ressignificação da produção artesanal, do compartilhamento de conhecimentos, da responsabilidade social, da identificação do fazer

com um objetivo comum, do encontro com realidades diversas, das histórias de vida dos envolvidos, do cotidiano e da prática da solidariedade.

A solidariedade é uma questão política importante, presente nesse projeto, em oposição ao estímulo individualista, atualmente cultivado em nossa sociedade. Costurar e criar juntos colchas de cama artesanais, carregadas de valores afetivos e simbólicos que possam contribuir para alguma melhoria na realidade de homens em situação de acolhimento, socializa e estimula a alteridade, fundamental para preservar direitos, identidades e culturas. Segundo a jornalista e escritora Eliane Brum (2019), “A solidariedade é um gesto temido pelos autoritários”.

Esses homens são convidados e incentivados a participar efetivamente, de forma espontânea, do processo de confecção das colchas, vivenciando a prática da costura artesanal criativa. Culturalmente e historicamente pouco estimulada no universo masculino, por diversas questões que refletem características machistas e preconceituosas presentes em nossa sociedade, em que a costura ainda é vista como uma prática mais voltada às mulheres, a apropriação da costura os coloca como protagonistas desse processo criativo, como agentes das mudanças estética e afetiva dos dormitórios coletivos. Contribuem na criação de ambientes mais coloridos, alegres e aconchegantes, que subvertem o padrão estético monocromático e impessoal, comuns nesses espaços. Propondo, assim, a todos os conviventes novos olhares, percepções, sensações que criem representações afetivas com a casa e o morar que não são concretas, mas muito relevantes para as realidades ali vividas.

De que maneira a costura artesanal pode servir de veículo inventivo para que essas mulheres e homens alcancem autenticidade nas práticas do fazer e das representações, cotidianas ou não, revelando excepcionalidades habituais em suas rotinas?

### **MODERNIDADE, ESTRUTURAS E RUPTURAS DO COTIDIANO, REVELANDO A INVENTIVIDADE**

Vivemos em tempos de modernidade, embora isso não signifique que essa modernidade se apresente com toda sua potencialidade de possibilidades igualitárias para todos os países. Ao contrário, nos países em desenvolvimento, como o Brasil e em toda a América Latina, a contemporaneidade é permeada de desigualdades econômicas e sociais, bem diferente da realidade social vivida em países europeus desenvolvidos, ou em grandes potências como os Estados Unidos e a Rússia. Isso evidencia nosso descompasso em acompanhar, efetivamente a modernidade.

A modernidade (...) é constituída, ainda, pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada, dos que têm fome e sede não só do que é essencial à reprodução humana, mas também fome e sede de justiça, de trabalho, de sonho, de alegria. Fome e sede de realização democrática das promessas da modernidade, do que ela é para alguns e, ao mesmo tempo, apenas parece ser para todos (MARTINS, 2008, pp. 18-9).

Assim, a modernidade em nossa realidade é marcada por desigualdades sociais. É anacrônica em relação ao vivido no cotidiano e à evolução histórica, “nosso descompasso histórico em relação ao que já é real em outras partes, que nos chega fragmentariamente, incompletamente” (ibidem). O tempo cronológico dos eventos e efeitos dos fatos históricos não encontra sintonia com a realidade da grande maioria da população, na qual se identificam privações, obstáculos, desencontros e instabilidades econômicas, educacionais e culturais que geram miséria e anomalia social. Nossa cotidianidade apresenta apenas fragmentos da modernidade, em que o futuro é mais valorizado do que o presente, resultando em um conflito entre o novo e fugaz e o costumeiro e tradicional. Na confusão entre o real e o imaginário, instaura-se nossa inautenticidade cotidiana, como uma estratégia do senso comum para superar dificuldades, resignificar e muitas vezes subverter o simbólico na gênese de nossa diversidade cultural. Nosso artesanato está repleto de exemplos dessa inautenticidade superadora, ao vermos a criatividade inventiva em regiões de estrutura muito precária nas quais os artesãos subvertem a pobreza e as dificuldades revelando a beleza extraída do barro, da natureza e das tradições ancestrais.

Segundo Lefebvre, o cotidiano está estruturado em três elementos básicos: o trabalho, a família e o lazer. O trabalho é o principal condutor e balizador do cotidiano, é ele que ordena as relações e práticas familiares, de lazer e cultura, a partir de suas demandas e exigências: formação educacional, comportamento, responsabilidades, rotina, relacionamento, administração do tempo, dedicação e compromissos; e de suas contrapartidas: remuneração, reputação, reconhecimento, valorização, autonomia e autoestima. A desvinculação do trabalho representa efetivamente o rompimento e a desagregação com o cotidiano:

o trabalho é um modo de imaginar a vida, o eu e o outro, um modo como o trabalhador imagina o seu trabalho e os resultados de seu trabalho, o que o trabalho viabiliza, mas também o que o trabalho não viabiliza. (...) O emprego, a ocupação, o trabalho, se transformaram num valor social e numa mediação constitutiva de relações sociais, da trama das relações que asseguram a reprodução social e a vida cotidiana (MARTINS, 2014, pp. 212-3).

O trabalho estabelece a correlação entre o público e privado, dia útil e fim de semana, momento de trabalho e momento de lazer, a casa e a rua, família e amigos, individualidade e coletividade, formando hábitos e contribuindo na formação cultural dos indivíduos. O desemprego e a dificuldade de recolocação é o que mais desestabiliza as relações familiares podendo arruinar o funcionamento do cotidiano:

O desemprego irrompe no cotidiano como uma catástrofe, rompe o cotidiano ao anular as relações sociais de todo o dia ou ao mudar-lhes o significado. Os grupos de referência mudam de significado ou se alteram, a sociabilidade doméstica e a casa passam a dominar a vida de todo o dia. A rua deixa de ser um lugar de passagem, para se tornar um lugar em que se está, e quando esse estar se estende além do limitado tempo do “estar passando”, indo de casa para o trabalho e do trabalho para casa a rua se torna signo de degradação de quem está onde não deveria estar. A expressão “estou na rua”, “foi pra rua”, como sinônimo de desemprego, de demissão, é bem indicativa do peso negativo da rua numa sociabilidade que tem a casa ainda como referência privilegiada, como se a perda do emprego equivalesse à perda da casa e da família (MARTINS, 2014, pp. 215-6).

Por vezes, a perda do trabalho, associada à preexistência de algum conflito familiar, acaba desestruturando por completo as relações; por vezes, “práticas de lazer” deformadas e anômalas, associadas a excessos, como alto consumo de bebidas ou drogas, causam rupturas afetivas, levando muitas pessoas a abandonarem o lar, passando a viver em situação de rua e vulnerabilidade, na qual o cotidiano se desfigura e o viver diário passa à anomia crônica. A irregularidade do cotidiano instaura-se para pessoas que vivem em situação de rua: o privado passa a ser público; a rua, antes lugar de passagem, torna-se o lugar onde se fica; o tempo, antes escasso, passa a ser abundante, porém estéril; o lazer é inautêntico; a casa, antes real, agora se torna apenas representação do real, local onde se abriga e dorme. As relações familiares e sociais tornam-se relações assistenciais e superficiais, o tempo reconfigura-se em outros contornos de significado e valores, reforçando a inautenticidade social, a incapacidade de desprender-se do capitalismo e seus parâmetros comportamentais, reduzindo as potencialidades e colocando esses homens em uma espiral de incapacidade em reassumir a vida cotidiana.

A socióloga Ana Cristina Nasser pesquisou, em sua tese de doutoramento, a construção da representação do trabalho e sua relação com os demais elementos que constituem o cotidiano – família (casa) e lazer – na vida de vinte e oito homens albergados e excluídos socialmente, e concluiu:

As representações, sob a forma de signos e símbolos, tomam o lugar das coisas, como um substituto da presença na ausência, sendo possível designar, através da linguagem, o objeto ausente, preenchendo sua ausência através das representações do mesmo. (...) é no âmbito dessa análise teórica que se torna possível apreender o sentido do trabalho no universo de indivíduos cuja força de trabalho não mais/ou ainda não se realiza no mercado formal de trabalho; indivíduos que já não mantêm vínculos com a família, embora até possam ter breves e esporádicos contatos com alguns de seus membros; e que não mais exercem atividades de lazer (entendido enquanto espaço de oposição e compensação ao trabalho). É portanto, através das representações, que esses homens podem reconstruir a memória dos tempos de sua vida pregressa de trabalhador (urbano ou não), chefe ou arrimo de família, que se divertia nos momentos livres de trabalho, podendo, com isso confrontar seu passado de carências e também de possibilidades não-realizadas, com seu presente de total exclusão, permitindo-se sonhar um futuro que não se constitua apenas como presença enquanto ausência. (...) Mesmo privados do cotidiano, os albergados não estão privados das representações que lhes permitem sobreviver no e ao mundo de exclusão onde agora vivem. (...) Enquanto puderem reproduzir essas representações, haverá esperança para que eles saiam das sombras e conquistem o cotidiano (NASSER, 1998, pp. 103-7).

As representações são consideradas fragmentos da vida cotidiana em que o público e o privado se confundem, possibilitando uma fluidez que invade outros mundos não cotidianos, que apresentam estilos cognitivos próprios, como o sonho, a fantasia, a religião, a credence, o jogo e a festa. Esses outros mundos podem ser considerados teias independentes que se relacionam com diversas linguagens e expressões, podendo ser identificados fortemente nas artes. Como afirma Moacir dos Anjos<sup>3</sup>, as artes, “são equivalentes *sensíveis* de uma determinada realidade e se configuram como práticas da *representação*, revelando o descompasso entre a realidade e sua tradução no campo do sensível”

Os mundos não cotidianos traduzem, de forma não consciente, muito daquilo que sentimos ou do que nos representa culturalmente, ao revelar nossas outras percepções sobre temas relacionados ao cotidiano.

---

3 Transcrição de palestra oferecida no Curso Sesc de Gestão Cultural 2018/2019. O texto-base pode ser acessado em: <<https://revistazum.com.br/colunistas/crise-de-representacao/>>.

Nos sonhos, a rua está em oposição à casa da família. Diferente da casa, o lugar público é um cenário de medo. (...) não é um lugar onde se permanece. (...) Diferente do que ocorre no interior da casa de família, as pessoas da rua são anônimas e abstratas e sua identidade difusa não é constituída por relações concretas em que se sabe quem é o outro (...) O mundo da casa é o mundo da confiança em oposição ao mundo da rua, que é o da desconfiança (...) estamos no mesmo espaço, mas não estamos juntos com o outro (MARTINS, 2008 pp. 66).

A aproximação da costura artesanal aos diversos mundos e suas teias ligadas às artes pode ser um meio de criar pontes investigativas para estabelecer inter-relações simbólicas e representativas que revelem o invisível, o ínfimo, o residual que rompe com o trivial e repetitivo da vida diária. Esse processo repetitivo relacionado à rotina. “Da rota que se volta a fazer dia a dia; de um movimento rotatório que se regressa sempre a seu ponto de origem. Mas, mais que descrever um espaço, a rotina assinala o tempo que volta a trazer o mesmo.” É a rua “pela qual costumamos passar rumo aos nossos assuntos rotineiros” (GIANNINI, 1997, apud MARTINS, 2008, p. 22).

A vida cotidiana se instaura quando as pessoas são levadas a agir, a repetir gestos e atos numa rotina de procedimentos que não lhes pertence nem está sob seu domínio. A vida cotidiana começa a nascer quando as ações e relações sociais já não se relacionam com a necessidade e a possibilidade de compreendê-las e de explicá-las, ainda que por meios místicos ou religiosos; quando o resultado do que se faz não é necessariamente produto do que se quer ou do que se pensa ter feito (MARTINS, 2008, p. 71).

O excepcional naquilo que é banal e rotineiro é o que extravasa o cotidiano e abre brechas na identificação e entendimento de nossas reais potencialidades culturais, presentes na resignificação do tradicional, do ancestral e dos saberes pessoais para que possamos inventar solidariamente nossa autêntica modernidade. “O mito da banalidade cotidiana se dissipa no fato de que o mistério aparente se revela numa banalidade real, e que a banalidade aparente se revela no aparentemente excepcional” (LEFEBVRE, 1958, apud MARTINS, 2008. p. 71). É no residual, no não capturado pelo repetitivo que se apresentam as possibilidades do real e do tangível.

## ENTREVISTAS

Foram realizadas entrevistas com dezesseis pessoas que estão envolvidas no projeto “Facção Carinhosa” na confecção das colchas de cama, sendo onze mulheres e cinco homens.

11 MULHERES		5 HOMENS	
MÉDIA DE IDADE	55	MÉDIA DE IDADE	47
CASADA	6	CASADO	1
SOLTEIRA	2	SOLTEIRO	1
DIVORCIADA	2	DIVORCIADO	2
VIÚVA	1	VIÚVO	1
NASCIDA EM SÃO PAULO	8	NASCIDO EM SÃO PAULO	2
NASC. EM OUTROS ESTADOS	3	NASC. EM OUTROS ESTADOS	3
APOSENTADA	6	APOSENTADO	2
NÃO APOSENTADA	5	NÃO APOSENTADO	3
TRABALHA FORA	1	EXERCE ATIVID. REMUNERADA	1
TEM FILHO	7	TEM FILHO	3
NÃO TEM FILHO	4	NÃO TEM FILHO	2

As entrevistas realizadas levantaram questões e reflexões ligadas às estruturas do cotidiano e do “não cotidiano” das pessoas, às relações com a costura, às suas práticas culturais, à sua rotina e sobre a situação das pessoas que vivem nas ruas, com o objetivo de traçar um panorama acerca desses temas, nas convergências que auxiliem a elaboração da síntese pretendida.

### MULHERES COMUNS

A importância da costura na vida dessas mulheres está relacionada ao lazer, à terapia, à criatividade, à socialização e à realização pessoal na conquista da autonomia produtiva. 91% dessas mulheres ou são aposentadas, ou não trabalham fora, e a costura exerce também um papel simbólico importante relacionado ao trabalho, evidenciado em algumas respostas<sup>4</sup>:

*Para mim foi muito bom. Quando consigo terminar um trabalho sinto-me realizada, ajuda-me a ficar tranquilo e faço com prazer meus trabalhos.*

*A costura é um momento criativo e meu segundo ofício. Queria poder me dedicar mais e viver dessa arte.*

Quando a costura é relacionada às lembranças, o momento comumente relatado é o da infância, em situações familiares nas quais a mãe é quem costura, seja como ofício na geração de renda ou na produção e conserto das roupas da família:

<sup>4</sup> As citações a seguir, enfatizadas em itálico, transcrevem as respostas das mulheres entrevistadas.

*Lembro da velha e boa máquina de pedal da minha mãe, que nos ajudou por muitos anos na economia da casa...*

*Da minha mãe, ela costurava bastante... eu sempre ganhava roupas usadas, e ela reformava para mim.*

A prática da costura no cotidiano familiar, inevitavelmente, faz parte da formação de nossa identidade cultural.

Com base na estrutura do cotidiano proposta por Lefebvre, reflexões sobre a casa, o trabalho e o lazer foram propostas, e a casa representa o porto seguro, o castelo, o reino, o paraíso no qual as entrevistadas encontram conforto, proteção e segurança, para onde gostam de voltar e onde gostam de estar, onde os sentimentos mais profundos se manifestam no encontro com a família:

*A casa é meu porto seguro, onde posso ser eu mesma, curtir o que gosto... Meu castelo... ter onde voltar, se aconchegar, onde posso ser o que sou.*

*O meu lar. O lugar mais importante e especial, onde manifestamos os sentimentos mais profundos...*

A casa é entendida como o lugar que desempenha a função agregadora do cotidiano, ponto de partida e retorno na rotina, onde a família é a primeira célula social que influencia a formação dos hábitos, dos gostos, dos sentimentos, das subjetividades de seus integrantes, que irão repercutir por toda a vida. Uma casa onde o convívio é conflituoso, os riscos desagregadores se fazem presentes e podem ser desastrosos.

Já a rua traz uma ambiguidade em suas representações, sendo vista pragmaticamente como o caminho, o trajeto, apenas mais um lugar no mundo, como um lugar triste, inseguro e perigoso, mas que apresenta seus encantos, atrativos, diversão e liberdade, podendo ser um mundo aberto à descoberta de realidades, onde as entrevistadas se deparam com pessoas boas e ruins. Há a percepção de que as mudanças estruturais e sociais ocorridas na cidade desencadearam mudanças comportamentais e de hábitos.

*Um sentimento de insegurança e a saudade da infância, quando podíamos brincar até altas horas sem nenhuma preocupação.*

*Em São Paulo, insegura "no meio do gado", porque ninguém se cumprimenta, ninguém se olha, nem um sorriso. A frieza das pessoas nas ruas me assusta.*

O trabalho foi relatado como a melhor coisa na vida, traz dignidade e realização. Gerador de renda, garante o sustento pessoal e familiar. Põe a pessoa participando do mundo com reconhecimento social e oportunidades de socialização, gerando bem-estar, aumento da autoestima.

*Um momento ímpar de produtividade é quando estou costurando; quando estava na ativa como educadora, era muito gratificante fazer parte da formação dos alunos.*

*Agora sou do lar, gosto do que faço, mas gostava quando eu trabalhava em empresas, eu tinha oportunidade de conhecer mais pessoas, aprender coisas novas e era muito bom para mim.*

Em seu tempo livre das obrigações diárias, familiares e do trabalho, essas mulheres, escolhem como atividade que mais gostam, além da costura que está inserida nas práticas de lazer de todas elas: viajar (5), ler (4), passear (3), ouvir música (3), reunir-se com a família e amigos (2), caminhar (2), cultivar plantas (1), fazer cursos diversos (1), dançar (1), desenhar (1), fazer esportes (1), jogar (1), ver TV (1), ir ao cinema (1), ir ao teatro (1), estudar (1), fazer novas amizades (1), ajudar os outros (1).

A prática da costura associada a só mais uma atividade foi relatada por duas mulheres e associada a mais duas atividades foi relatada por outras quatro mulheres, ou seja, 54,5% dessas mulheres têm a costura entre as três atividades que mais gostam de realizar em seu tempo livre.

Viajar para conhecer outros países foi relatado como o maior sonho na vida por sete mulheres, ou seja, 63,6%. Para três mulheres, o maior sonho na vida é ver um mundo com maior igualdade social e respeito entre as pessoas, sendo parte ativa desses processos.

*Ver as pessoas felizes, sendo tratadas com respeito, tendo estrutura educacional e saúde de qualidade para todos. E um dia conhecer Portugal.*

Nos sonhos, quando estão dormindo, a maioria dessas mulheres 64% (7) costuma sonhar com situações boas; 18% (2), com situações ruins; 18% (2), costumam não lembrar dos sonhos; 55% (6), costumam sonhar com a família e 27% (3) com outras temáticas. Nos sonhos da maioria dessas mulheres, a casa e a família estão presentes, refletindo nesse mundo paralelo dos sonhos as representações do cotidiano, presentes em sua rotina diária.

A rotina dessas mulheres está muito relacionada aos afazeres da casa, às questões relacionadas à rotina da família, às demandas práticas da vida e ao lazer. A grande maioria (91%) não exerce um trabalho formal; em seu cotidiano, o trabalho tem um caráter representativo misturado ao lazer, exercido na costura, que por vezes gera renda, mas não tem essa função determinante.

Suas relações com pessoas em situação de rua ou de acolhimento são ínfimas, apenas uma dessas mulheres tem uma pessoa próxima em situação similar: assim, seu conhecimento sobre essas realidades fica restrito às impressões e sensações em situações isoladas e rápidas, ao circular pela

cidade, quando são confrontadas com essa realidade, ou nas notícias que chegam pelos meios de comunicação, nas quais raramente há um aprofundamento reflexivo ou maior interesse de envolvimento nessas questões. Há um entendimento superficial acerca das questões sociais, econômicas e culturais que atuam de maneira determinante na instauração dessa realidade, limitando assim as interações, envolvimento, discussões e ações da sociedade, que modifiquem o que está posto. As demandas da vida diária e do cotidiano padronizam comportamentos que reforçam a individualidade nas grandes cidades e reduzem as chances de solidariedade. As pessoas em situação de rua são moralmente invisíveis, mas repressivamente visíveis e socialmente negligenciadas em seus direitos de apoio e proteção.

*São invisíveis. O cotidiano, a rotina, a pressa com horários e compromissos inadiáveis nos faz lidar com as pessoas, em geral, de maneira superficial, ainda mais se tratando de pessoas que vivem à margem de nossa sociedade.*

*Acho muito triste e desumano. Ter que viver e morar na rua é perder a dignidade.*

## **HOMENS EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO**

A costura para esses homens resgata, essencialmente, memórias familiares, principalmente lembranças da mãe, envolvida em consertos e ajustes de roupas da família e artigos de uso na casa, em um fazer misturado e integrado aos demais afazeres da rotina diária, solucionando necessidades ordinárias, ou mesmo como forma de trabalho e geração de renda. A costura simboliza, para eles, cores, elegância, autoestima, aprendizado, superação e trabalho<sup>5</sup>:

*Penso na vida sofrida do norte, antigamente a gente não podia comprar uma peça de roupa, aí nossa mãe... das roupas rasgadas, costurava outra.*

*Uma arte, uma oportunidade de aprender, de ter benefício e trabalho.*

As rotinas diárias são limitadas devido às suas condições sociais e econômicas, ficando sujeitos à própria rotina de funcionamento do CTA, onde passam a maior parte do dia nos programas, ações e serviços ali propostos. Alguns frequentam cursos de alfabetização, formação básica ou profissionalizante oferecidos fora, em parceria com outras entidades, frequentam alguma igreja, tratam da saúde, procuram emprego ou fazem trabalhos temporários e bicos.

---

<sup>5</sup> As citações a seguir, enfatizadas em itálico, transcrevem as respostas dos homens entrevistados.

Alguns ainda realizam trabalhos manuais e artesanais de forma re-creativa ou para geração de renda.

Entendem aquele espaço como casa, ou o que representa a casa para eles, veem como um lugar importante de oportunidade para se reestruturarem e retomarem sua autonomia social e reconciliar-se com a família e com o cotidiano. Sentem-se seguros, protegidos da situação de rua pela qual alguns passaram, apesar de se sentirem tristes por estarem afastados da família, reconhecem a positividade em poderem se afastar do uso de álcool, drogas e das más companhias; acreditam ser um momento passageiro e transitório em suas vidas:

*Me sinto seguro, entendeu? Até então eu estou longe das ruas, longe das drogas, longe de amizades que não me fazem bem, um lugar seguro que eu tenho feito bom proveito. Fiquei na rua por 21 anos mais ou menos.*

*Conciliação com um mundo que eu tinha perdido, um vínculo para retomar o convívio social de uma forma normal, como todas as pessoas, uma vida que eu não era acostumado a ter, só vivia nas drogas, só vivia na zueira, só vivia... tipo um mundo muito errado, né? A partir do momento em que eu entrei no CTA, consegui conciliar várias coisas que estão me fazendo bem, pensar no meu bem-estar, na minha saúde, pensar em família... que eu não estava pensando mais.*

A rua para eles também traz ambiguidade, é entendida como um lugar ameaçador, péssimo, bastante dolorido, de abandono e de medo, onde muitas vezes eles se sentem invisíveis, incompreendidos e incapazes, mas também vista como um meio de buscar o progresso, de oportunidade de trabalho e crescimento:

*Por minha situação atual, sinto medo de ir para a rua...*

*Agora eu me sinto bem, até então eu não faço mais parte da rua, mas uns tempos atrás eu sentia muita depressão, sentia só terror, eu não tinha paz. Hoje eu vejo como um lugar de progresso, hoje eu encaro a rua como um meio de buscar o progresso, de trabalhar, fazer um curso. A rua não faz mais parte da minha vida, de eu estar nela, viver dela, morar nela, isso já passou.*

O trabalho foi relatado como o grande desejo de todos, o que traz dignidade, conquista e dá sentido à vida. Sentem-se ativos, reconhecidos e participativos socialmente. O desemprego é frustrante, entendido como um dos principais fatores determinantes para a manutenção da atual situação em que se encontram e lamentam por não ter oportunidades de trabalho:

*O trabalho na minha vida representa tudo, entendeu? Ainda não estou tendo a oportunidade de trabalhar, mas é tudo que eu mais quero, mais penso, mais desejo... realmente é o trabalho. O trabalho para mim representa tudo.*

*O trabalho é conquista... você conquistar e ter um objetivo, sem trabalho não teria sentido na vida.*

*Eu me sinto bem melhor, né? Sei lá... você chega no lugar e se sente mais à vontade, todo o dia você sai de manhã para trabalhar e volta à tarde, tem garra e vontade para continuar trabalhando. Você sem trabalhar não tem reconhecimento, por ninguém, a verdade é essa, você já está por baixo... é triste, não é animador não. Acho que eu nunca passei essa situação... depois de 39 anos, eu nunca passei situação tão humilhante quanto eu passo hoje, sempre trabalhei, já casei quatro vezes, mesmo que não pareça, já consegui curtir tanto a família e hoje pelo jeito tá muito difícil. Já estou em São Paulo há doze anos, no passado fiquei desempregado... e aí tudo foi por água abaixo... perdi meu emprego, olha aonde eu vim parar hoje.*

Para esses homens, um grande problema é o excesso de tempo livre ocioso. Ao estarem dissociados das demandas e atividades sociais do trabalho e da família, não têm sustentação cotidiana e sua rotina é ameaçada com o tédio árido de assistir televisão e se restringirem às necessidades práticas de alimentação, banho, sono e manutenção das roupas e pertences, ou ainda o prejudicial consumo excessivo de álcool e drogas. Esse marasmo nocivo é enfrentado por alguns com a leitura, o estudo, o convívio religioso, a frequência a cursos profissionalizantes, a participação em oficinas e projetos sociais e a criação e produção artesanal. Um deles relatou seu interesse por arte e em observar a arte das ruas:

*Acho que seria irônico eu falar... porque eu estou aqui... eu gosto de arte, não só no sentido de exposição... exemplo, até mesmo um filme ou uma coisa que você vê na rua... uma coisa bela, mais ou menos. Tem gente que vê arte só na exposição... não sei... acho que é uma coisa minha mesmo, eu gosto de ver e apreciar um grafite, um desenho... uma expressão.*

O maior sonho na vida desses homens é retomar seu cotidiano, ter um trabalho constante, ter um endereço, conquistar sua casa e retomar o convívio familiar:

*Sair do CTA e ter uma vida livre, conquistar uma casa e viver minha vida.*

*Sair daqui e arrumar uma vida bem melhor. Ter uma esposa e ter um filho, esse é meu maior sonho.*

Com relação aos sonhos, quando estão dormindo, dois entrevistados relataram sonhar com a família, um relatou sonhar com o ganho de um prêmio que o torna rico, os outros disseram não se lembrar dos sonhos:

*Sonho muito com a minha família, com a minha mãe que perdi cedo.*

## CONCLUSÃO

As mais diversas culturas são formadas por símbolos e suas variadas representações que atribuem identidade, funcionalidade e autenticidade a um povo.

Os elementos que compõem o cotidiano – segundo Lefebvre: o trabalho, a família e o lazer –, são entendidos nesta pesquisa como símbolos culturais, responsáveis pelo equilíbrio e manutenção social, na sociedade ocidental capitalista em que vivemos.

Esses símbolos têm representações evidentes na rotina diária. O trabalho é representado pelo sustento; a família é representada pela casa; o lazer é representado pelo tempo livre. Esses símbolos autenticam as representações na medida em que são vividas plenamente e fruídas na rotina diária. A desestruturação dos símbolos cotidianos – família, trabalho, lazer – instaura o “não cotidiano”, caracterizado por inautênticas representações destes símbolos cotidianos. Estas representações não se harmonizam plenamente com a realidade e estabelecem a falsa rotina diária.

É como se o simbólico fosse a terra e as representações as árvores e plantas que compõem, estruturam e dão identidade à terra; são formas provenientes da terra, mas não são propriamente a terra. Uma árvore sem a terra não se sustenta, é estéril.

A costura é um símbolo cultural que não está ligado diretamente ao cotidiano, mas que estabelece interessantes relações das suas representações com os símbolos do cotidiano, seja nas memórias ou mesmo nas práticas, como ficou evidenciado nas respostas registradas nas entrevistas, tanto para as mulheres quanto para os homens.

Essa permeabilidade da costura com o cotidiano abre muitas possibilidades de recombinação e ressignificação das representatividades, sua inventividade prática é um veículo de incentivo para transformar realidades de maneira solidária.

O projeto foi concluído em dezembro de 2019 com a entrega total das 170 colchas durante o evento de confraternização de fim de ano dos funcionários do CTA-7 junto aos usuários dos serviços, parceiros e voluntários.

A cada encontro houve um aumento na participação e envolvimento dos homens, que, ao inserirem a prática da costura em suas rotinas, legitimaram sua apropriação dessa representação artesanal, importante para que esse primeiro contato estabeleça novas apropriações que fortaleçam sua subjetividade.

Seguiremos defendendo a costura como um lugar de encontro, identificação, solidariedade e invenção do cotidiano.

Pois, é no instante dessas rupturas do cotidiano, nos instantes da inviabilidade da reprodução, que se instaura o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão. E aí a desordem é outra, como é outra a criação. Já não se trata de remendar as fraturas do mundo da vida, para recriá-lo. Mas de dar voz ao silêncio, de dar vida à História (MARTINS, 2008, p. 57).

## REFERÊNCIAS

- BRUM, Eliane. “Cem dias sob o domínio dos perversos”. *El País – Brasil*, 12 abr. 2019. Disponível em: <[brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780\\_837463.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780_837463.html)>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- SMADS – Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social Prefeitura de São Paulo; FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. *Censo da População em situação de rua da cidade de São Paulo, 2015: Resultados*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2VVGfV7>>. Acesso em: 2 abr. 2019.
- \_\_\_\_\_; QUALITEST. *Pesquisa censitária da população em situação de rua 2019*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2YnJorQ>>. Acesso em: 9 mar. 2020.
- LEFEBVRE, Henri. *O vale de Campan: estudos de sociologia rural*. São Paulo: Edusp, 2011.
- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história da modernidade anômala*. 3a. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre*. São Paulo: Contexto, 2014.
- NASSER, Ana Cristina A. “Sair para o mundo: trabalho, família e lazer na representação de excluídos”. *Cadernos CERU*, São Paulo, série 2, n. 9, pp. 101-8, 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/74990>>. Acesso em: 5 abr. 2019.